

Este conto pertence ao livro
Persona ou O Corretor de Imóveis

O CRIME DAS VELHINHAS

Tiburtina era a caçula, tinha 83. Saúde perfeita: pressão arterial, na média; colesterol e triglicérides: nas faixas da normalidade. Espigada e ágil, não tinha do que se queixar. Continuava fazendo sua comida com banha de porco, não dispensando uma pele no feijão e o torresmo, que ela mesma preparava, fritando o tocinho picado no panelão de pedra. Levava uma vida metódica: hora de levantar, hora de almoçar, hora do café, hora de jantar; e de uns tempos para cá, só tomava chá de erva-cidreira, antes de se deitar. Como extravagância, fazia todas as novenas com muita piedade, ocasiões em que chegava a casa um pouco depois das nove.

Ambrosina era a mais velha. Faria exatamente 100, no dia 1º de janeiro do ano 2000. Foi casada, perdeu o marido muito moço, teve um filho, o Juscelino, que mora em São Paulo; e ainda seria companhia da irmã, nas novenas, não fosse uma erisipela que a impedia de movimentar-se com segurança. Mancava. Passava os dias assentada numa poltrona com a perna esquerda sobre uma cadeira para evitar o inchaço. Fazia umas costurinhas de mão para passar o tempo e ajudava a Tiburtina no preparo da alimentação, misturando os ingredientes do tempero ou picando a couve fininha.

De couve as duas velhinhas entendiam como ninguém. Era a Tiburtina quem cultivava um canteiro no quintal. Semeava num caixote raso sobre a beirada no tanque e, na época certa, instruída pela Folhinha de Mariana, passava as mudinhas para o terreno cuidadosamente estrumado. Além do próprio consumo, as velhinhas vendiam molhos de couve para a vizinhança e guardavam o dinheiro arrecadado numa lata de doces da antiga *Confeitaria Colombo*. Quando o improvisado cofre transbordava, elas contavam o dinheiro e pediam a um parente que morava perto para depositá-lo no banco. Não precisavam daquele recurso, pois que a pensão do marido de Ambrosina, chefe de trem da antiga Oeste de Minas, e a aposentadoria de normalista

da Tiburtina eram suficientes para o sustento das duas irmãs.

Foi no começo de setembro do ano passado que Tiburtina teve a idéia de pintar a casa para receber o sobrinho Juscelino, que viria com a família passar o Natal, e ainda esperaria o Ano Novo para comemorar o aniversário da mãe. Como foi uma idéia de última hora, estava encontrando dificuldades de contratar os melhores pintores da cidade e acabou aceitando uma indicação de um vizinho sobre dois rapazes que cobravam mais barato. Mandados os recados, apareceram os dois profissionais. Contrataram o serviço de empreitada com o prazo de uma semana e meia, porém, em três dias, estava a casa pintada. Chegavam cedo e saíam tarde, arrastavam móveis, passavam o rolo numa velocidade incrível, limpavam mais ou menos os respingos no chão e, além de receber o combinado, levaram a lata de doces da Colombo com mais de duzentas pratas, camuflada no meio de trapos, jornais velhos e galões vazios. Quando Tiburtina deu falta do dinheiro das couves, ficou indignada. Não pela quantia, mas pela lata, que tinha mais de 60 anos. Ganhou os docinhos cristalizados do único amor de sua vida, o Miguel, de quem ficaria noiva naquele mesmo ano; porém a febre tifo liquidou o moço e por isso guardava a lata, num misto de fetichismo e zelo. Além disso, teorizava a velha, uma pessoa que entra na sua casa, que arrasta seus móveis, que toma café na sua mesa, que vê a intimidade de suas gavetas, não pode trair a confiança que se lhe é depositada. Hesitava, não sabia se dava parte à polícia ou se deixava pra lá. Talvez o Pe. José pudesse conhecer os pintores e, quem sabe, traria, pelo menos, a sua lata de volta. Do dinheiro não fazia questão.

Nezinho era mau. Fingia ser bonzinho, era maneiroso, mas acumulava todos os rancores do mundo. Abandonado pela mãe solteira, na porta da delegacia, viveu seus primeiros anos no asilo, onde foi batizado e onde apanhava uma surra por dia do respeitado zelador da Pia Sociedade de São Bernardino de Fossa. Ao completar dez anos, logo após a sessão de pancadaria, enfiou a faca de matar porco no pescoço do Dr. Baldaquim e deu-lhe um formidável pontapé no saco. O homem não morreu, mas daí para frente, passou a falar com voz de falsete. Era uma vergonha aquele machão falando com voz afeminada. Transferiram o

Nezinho para a Febem, de Bom Despacho, onde passou a juventude no meio de vícios e castigos tenebrosos e; quando completou 18 anos, matou o monitor que mais lhe atormentava com uma paulada só. Até hoje não se descobriu quem teria liquidado o funcionário. Dispensado do serviço militar, Nezinho ingressou no convívio da sociedade com uma carta de recomendação do diretor. Voltou para sua cidade natal, onde alugou um barraco na periferia e começou o seu serviço de pintor. Desenvolveu a arte de furtar, beneficiando-se da confiança dada aos pintores. Enquanto trabalhava, fazia amizade com as empregadas, arrancava confissões sobre os costumes das casas, descobria lugares secretos, quartinhos furtivos, cofres escondidos e sempre conseguia surrupiar alguma coisa. Tinha um ajudante louro, conhecido como Alemão, com quem dividia seus lucros extraordinários sem fazer comentários de onde vinha o dinheiro.

Dois meses depois de ter pintado a casa das velhinhas, passou-lhe pela cabeça fazer um assalto. Ele mesmo viu um extrato bancário em cima da cômoda com bom saldo na caderneta de poupança e imaginou que as velhas pudessem ter mais dinheiro guardado. Planejou uma incursão noturna, pularia o muro do quintal, já sabendo que a porta da cozinha era fechada por apenas uma trâmela antiga e, também, que as velhinhas dormiam rigorosamente no horário. Às nove e quinze da noite estava na rua dos fundos, como planejava. O muro tinha cacos de vidro, que ainda lhe cortaram o braço, mas, com agilidade de trapezista, em menos de dois segundos pulou na horta de couves da Tiburtina. Pegou uma estaca, disposto a usá-la como arma, caso as velhas acordassem. Quando começou o foguetório final da festa das Mercês, deu um empurrão bem dado, arrombou a porta da cozinha e entrou. Como conhecia bem a casa, andou na escuridão sem esbarrar nos móveis. Chegou à porta do quarto, onde dormiam as velhinhas, e verificou que Tiburtina não se encontrava em sua cama. Diante do imprevisto, descoordenou os movimentos e chutou o penico que ficava entre as camas. Ambrosina acordou assustada e, vendo o vulto, perguntou:

— Tiburtina, o que foi?

Nezinho descontrolou-se totalmente, aquilo não podia ter

acontecido, as velhas deviam estar dormindo e não podia ter um penico no meio do caminho. Nezinho levantou a estaca de pau, disposto a bater na cabeça da velhinha, quando sentiu uma bambeza nas pernas e uma vontade incontrolável de dormir. A luminosidade da lâmpada de um poste da rua que ele via pelo postigo foi-se esvanecendo e tornou-se uma escuridão absoluta. Nezinho caiu em cima da cama de Ambrosina com uma machadinha cravada na base do crânio. Tiburtina acendeu a luz do quarto e constatou junto com a irmã apavorada o sinistro acontecimento.

— É o pintor! — Exclamou Ambrosina.

— É o pintor ladrão. — Confirmou Tiburtina.

— Que vamos fazer? — Indagou Ambrosina.

— Vamos enterrá-lo. — Determinou Tiburtina, como se fosse um plano pensado.

Num esforço descomunal, a velha arrastou o pintor enrolado no cobertor, centímetro a centímetro. Foi uma tarefa difícilíssima, penosa e demorada. Ambrosina ajudava como podia, coitada, retirando as cadeiras do caminho do triste cortejo e limpando o rastro de sangue deixado pelo macabro fardo. Depois de hora e meia, chegaram com o corpo ao quintal. Tiburtina reuniu todas as suas forças e, no clarão da lua, passou a mão na enxada, começando a cavar um buraco ao lado do canteiro de couves; uma cova rasa, suficiente para colocar o corpo do Nezinho e cobri-lo. Ambrosina dava apoio moral, enrolada num xale, debulhava o rosário, assentada num banquinho. Tiburtina ajeitou a terra excedente, deu-lhe uma feição de canteiro e isso já ia acontecendo com a claridade do alvorecer. Tiburtina entrou em casa com a irmã manquitola, fez café, e sorveram os goles sem se olharem e sem dizer palavra...

Os canteiros vão bem, neste fim de ano, estão produzindo couves da melhor qualidade; o mais bojudo então, nem se fala. Tiburtina já acertou uma combinação com o quitandeiro da esquina, tamanha é a produção. Ano que vem, Ambrosina fará 101 anos e, no Natal, esperam o Juscelino com toda a família. Contrataram o Alemão para dar uma tinta na casa e o pintor comentou que o Nezinho tinha sumido sem falar nada:

— Esquisito, porque ele deixou tudo no barraco onde

morava. A polícia teve lá e achou até dinheiro guardado numa lata. Acho que ele foi pra São Paulo, aqui tá muito difícil de arrumar serviço...